

Crise custa caro ao carioca

O custo 'lo desmonte do serviço pú' lico de Saúde nas unidades das redes federal e estadual e de outros municípios reflete-se diretamente na conta que o carioca paga por ter as emergências mais 'em equipadas do estado. Só nos 'es primeiros meses 'e 95, o gasto 'a prefeitura cresceu mais de 100%. Os R\$ 3,5 milhões que pagaram o funcionamento de toda a rede no 'rimeiro trimestre de 94 se transformaram em R\$ 7 milhões, no mesmo perío 'o, só para financiar as emergências do Miguel Couto, Souza Aguiar e Salgado Filho. O gasto com as três emergências representa 50% do total aplicado em toda a rede.

O aumento 'a demanda gerou um impacto de 40% no orçamento 'a ci 'lade destinado à Saúde. "A participação subiu de 10% para 14% e hoje corresponde a aproximadamente R\$ 300 milhões. Os investimentos vão superar os dos últimos 10 anos jun-

tos", revela o secretário municipal de Saúde, Ronaldo Gazzola. Um Raio X 'os atendimentos nos hospitais Miguel Couto e Souza Aguiar 'á o retrato da crise: 40% dos atendimentos são de pacientes 'e 'airros muito listantes e 30% 'e pessoas 'e outros municípios.

Estão praticamente desativados ambulatórios e emergências em todo o estado. Não há investimento em recursos humanos — faltam médicos e outros profissionais — nem em equipamentos. "Resultado: a rede municipal de Saúde, que deveria responder por 8% dos atendimentos acaba armando com o triclo desta demanda", reclama Gazzola. Para o secretário, se o governo federal e o estadual garantissem o funcionamento 'e mais quatro emergências — principialmente a do Hospital 'a Posse, em Nova Iguaçu, e outra em Niterói — livraria os hospitais municipais do Rio da meta 'e da sobrecarga atual.